
Declaração de Anúncio de Candidatura à Presidência do Banco Africano de Desenvolvimento de S.E. Cristina Duarte Ministra das Finanças e Planeamento da República de Cabo Verde



Tenho o prazer de vos confirmar que Cabo Verde decidiu apresentar um candidato na próxima eleição à Presidência do Banco Africano de Desenvolvimento que terá lugar em Abidjan em Maio de 2015.

Quero-vos anunciar que sou a candidata a este nobre e desafiante cargo. Este é um momento particularmente gratificante para mim, enquanto pessoa, enquanto cidadã, e enquanto cabo-verdiana.

Nos últimos 9 anos, tenho assumido as funções de Ministra das Finanças e do Planeamento, sob a liderança de S.E. Dr. José Maria Neves, Primeiro-Ministro de Cabo Verde.

Iniciei a minha carreira profissional aos 21 anos na Administração Pública Cabo Verdiana, posteriormente ingressei numa instituição financeira internacional, o “Citibank”, tendo trabalho no Quénia e Angola, tive também a oportunidade, ao longo da minha carreira, de prestar serviços de consultoria em vários Organismos de renome internacional.

Hoje, estou a disponibilizar-me para capitalizar a minha experiência profissional, mas acima de tudo, o meu engajamento para com o desenvolvimento, em prol deste nosso continente, a África. A minha candidatura reveste-se de particular singularidade, na medida em que, pela primeira vez, está-se perante uma candidatura feminina, lusófona e de um país insular. A minha eleição, constitui pois, uma oportunidade de fazermos história juntos.

O Banco Africano de Desenvolvimento atingiu um patamar de referência a nível internacional. Na verdade, eu tenho uma profunda admiração por aqueles que lideraram esta tão importante instituição e contribuíram para a construção dos seus alicerces, permitindo a emergência de uma instituição altamente respeitada e credível. Uma instituição que claramente se afirmou e que está a trabalhar para que o progresso seja possível em África, particularmente se destacando no combate aos graves impactos da crise financeira global, e mais recentemente, trabalhando com parceiros no financiamento e apoio aos países que enfrentam a ameaça crescente do vírus Ébola. Graças a este percurso, o BAD tem vindo paulatinamente a afirmar-se como a principal instituição financeira Africana de desenvolvimento, objectivo há muito almejado por todos nós.

Antes de mais, impõe-se consolidar os ganhos até agora alcançados, edificar uma base sólida para enfrentar os desafios do futuro.

No entanto, sei que temos que fazer muito mais do que consolidar os ganhos. Temos de levar o Banco para o próximo nível, a fim de satisfazer as aspirações dos seus clientes e, mais importante, ajudar África a realizar o seu objectivo mais difícil de atingir, o da sua transformação estrutural.

Na minha opinião, o Banco, pode ser um instrumento fundamental de transformação de África, apoiando assim os seus actores directos.

Estou a concorrer à Presidência do Banco Africano de Desenvolvimento por causa da minha profunda convicção de que África pode fazer muito mais. As gerações futuras exigem isso de nós.

Primeiro, chegou o momento de quebrarmos o círculo vicioso da luta contra a pobreza. Nós, Africanos, devemos ambicionar ter uma agenda de transformação estrutural das nossas economias e sociedades, tornando-nos competitivos a nível mundial, a fim de criar a riqueza indispensável à auto-realização de cada Africano.

O desafio que temos pela frente é enorme. No entanto, também temos hoje oportunidades que os que nos antecederam nunca tiveram. Temos que ter a capacidade de reorganizar e focalizar nas questões centrais para o continente, nos seus “drivers”.

Eu acredito que o Banco Africano de Desenvolvimento ao afirmar-se como um dos obreiros das agendas Africanas, deve ser percebido como o parceiro natural e preferido dos países e governos Africanos, particularmente, quando se trata de desafiar inércias e mecanismos reprodutores que sistematicamente tem impedido a nossa transformação socioeconómica.

Em segundo lugar, estou a concorrer a esse posto, porque acredito que, com o apoio dos membros do Banco, podemos fazer isso acontecer. Caso seja eleita, a minha agenda será impulsionada pela necessidade de garantir a transformação estrutural em África, para que o actual cenário da “Africa Rising” não termine em pesadelo.

Como candidata, já iniciei um processo de consulta das partes interessadas e dos especialistas. Estamos empenhados em conversar e ouvir a sociedade civil e bem como a comunidade empresarial Africana. Isto é fundamental, a fim de podermos construir uma agenda robusta para o nosso Banco. Nesta fase ainda precoce, eu acredito que a minha agenda para o Banco Africano de Desenvolvimento terá dois elementos essenciais: o primeiro é consolidar os ganhos e o segundo é a construção de um novo programa de transformação.

O Banco obteve ganhos significativos na gerência do Presidente Donald Kaberuka, que devemos consolidar e construir a partir deles. Na verdade, o progresso da última década e os desafios do rápido crescimento não podem ser negligenciados.

Na questão de consolidar os ganhos, permitam-me identificar quatro áreas críticas:

1. **Tornar o Banco um verdadeiro parceiro de desenvolvimento**: a transformação estrutural da África só pode ser garantida se formos capazes de abraçar a boa governação de forma incondicional e construirmos um bom ambiente de negócios. O Banco deve continuar a apoiar os países africanos a empreender profundas, extensas e corajosas reformas nestas frentes para que a criação de “valor público” e de “valor privado” entrem no ADN das organizações Africanas, independentemente da sua natureza. Aqui teremos que apostar numa relação de proximidade com os clientes do Banco, diria até de cumplicidade positiva, através da descentralização já em curso fortemente associada a uma assessoria de elevada qualidade em matéria de políticas públicas, seu seguimento e avaliação, servindo como catalisador das reformas fundamentais, sem as quais corremos o risco de perder as oportunidades.

2. **Densificar o sector privado Africano** ao longo de todo o spectrum, Grandes, Medias, Pequenas e Micro empresas, para tal o Banco deve criar mecanismos de potenciação da capacidade de empreendedorismo existente na cultura Africana. Nós Africanos temos vindo a ser ao longo de séculos empresários. Seremos seguramente capazes de trabalhar em rede e em forte complementaridade com outras instituições financeiras para conjuntamente, activando sempre que possível sinergias. Procuraremos novas ideias e novas formas de assegurar que o Banco seja mais atento aos desafios que enfrenta o sector privado Africano. Construiremos uma plataforma de diálogo com o sector privado Africano para desenvolver programas e produtos específicos que respondem as suas necessidades. Temos de fazer que cada Africano e a cada Africana acredita que pode transformar-se num agente económico de sucesso.

3. **Desenvolver as Infraestruturas, tanto física como institucionalmente**. O Banco tem feito progressos significativos no investimento em infra-estruturas físicas. Nesta frente, a operacionalização do Africa 50 constituirá sem dúvida o alcançar de um patamar. No entanto, acreditamos que existe um desafio muito maior, o da infra-estruturação institucional, para garantir a sustentabilidade dos infra estruturas físicas. “At the end of the day institutions do matter”

4 Construir uma economia verde, como um imperativo ambiental mas também económico. África tem a oportunidade, como um *late starter*, de saltar etapas preservando sempre os parâmetros da sustentabilidade ambiental. Este desígnio deve ser estruturado para servir não só os objectivos de política económica como também os de preservação ambiental e sustentabilidade, compromisso incontornável com as gerações futuras. O Banco já tem uma agenda clara nesta área, seremos capazes de o levar para o próximo patamar.

Isso leva-me ao segundo elemento da minha agenda, a transformação. A transformação socioeconómica da África foi a visão dos nossos líderes do pós-independência. Era a visão subjacente ao Plano de Acção de Lagos em 1980, com a chamada para a industrialização. Com a crise financeira internacional, as organizações Africanas estão sendo interpeladas a serem mais eficientes, eficazes no sentido de ganharem a guerra da competitividade. Por outras palavras, a transformação socio económica requer uma transformação comportamental, mesmo cultural, no sentido amplo do termo, apoiada por profundas reformas institucionais. Neste contexto, o Banco Africano de Desenvolvimento deve tornar-se o parceiro privilegiado do desenvolvimento de África e assumir um papel fundamental, timoneiro, juntamente com outras organizações pan-africanas.

Assim sendo, a minha agenda programática, se eleita, estrutura-se ao longo dos seguintes eixos:

1 Servir de catalisador para a inovação e criatividade. O lema deve ser claro e simples. “**To unlock Africa’s innovation and creativity**”. O continente Africano é dotado de habilidades criativas e inovadoras, especialmente na camada jovem. Estas capacidades, em estado latente, encerram um potencial, incomensurável, gerador de valor. Se devidamente estimuladas, darão uma contribuição determinante à transformação estrutural de África. Não temos escolha. Temos que capitalizar as nossas energias criativas e inovadoras, canalizá-las para a construção de ecossistemas e de ambientes institucionais e organizativos ao serviço do cidadão e da cidadã. A África não pode e não deve percorrer sequencialmente a mesma trajectória que outros fizeram. Podemos e devemos saltar etapas, alavancando a inovação no seu sentido mais amplo. Para tal as TICs, constituem entes outros, um instrumento por excelência. A inovação não pode ser circunscrita às tecnologias, mas deve incorporar as dimensões social e cultural. A agenda da inovação e criatividade deve atravessar todos os aspectos do processo de desenvolvimento. O desafio é pois colocar ênfase em tornar o banco um catalisador da inovação no continente.

2 Precisamos de todos – vencer a batalha da disparidade de género. Uma equipa joga melhor e tem maiores probabilidades de vencer se joga com todos os seus elementos. África não pode continuar a marginalizar metade da sua equipa. Se assim continuarmos a fazer, continuaremos a perder o campeonato! Nesta matéria, temos que ser capazes de passar do discurso a uma prática consequente. A problemática do género em África interpela acima de tudo o poder político. Não há agenda de transformação que possa ser implementada com sucesso se esta questão não for devidamente enfrentada. Na qualidade de mulher Africana sinto-me, também, directamente interpelada. Para mim, é acima de tudo uma questão humana. Mas a vertente económica não pode ser secundarizada. O continente Africano está a competir com o resto do mundo, e não podemos dar-nos ao luxo de entrar nesta competição com a metade de nossa equipa despreparada e com as mãos atadas. Todos nós, políticos, governantes empresários, profissionais, estudantes, temos consciência deste constrangimento. E hora que nos engajemos, todos. O Banco deve liderar com outras instituições, e congregando esforços, fazer do género não só uma questão transversal mais acima de tudo um elemento fundamental do processo de desenvolvimento.

3 Financiar o Desenvolvimento. As necessidades de financiamento em todo o continente são enormes e crescentes. Não podemos aceitar que a mobilização destes financiamentos e a realização dos respectivos investimentos imponham um cenário de muito longo prazo. Nos, não temos tempo. E para tal, temos que tomar consciência que também África tem recursos endógenos que necessitam de ser mobilizados para o efeito. Temos que nos aperceber, que se continuarmos a condicionar a nossa actuação à obtenção de recursos externos, não iremos ganhar a batalha do tempo. Por outro lado, há uma questão de fundo: Como convencer o capital de outras latitudes continentais a investir no nosso continente e no nosso desenvolvimento, se o capital Africano ainda não o faz em toda a sua extensão? Esta é uma área que o Banco Africano de Desenvolvimento também pode desempenhar o papel determinante. O Banco tem de pôr uma ênfase renovada na criação de novos produtos e mecanismos de financiamento para o desenvolvimento. Esta é uma área que o Banco pode e deve assumir a liderança.

4 Eficiência Organizativa. O atingir os objectivos acima apresentados exige que o Banco, na sua globalidade e plenitude, abrace o lema da eficiência organizativa. Temos de garantir que o nosso Banco não se transforme numa máquina burocrática internacional. Temos que intensificar a adopção de uma gestão, plurianual, com base em resultados, assente numa perspectiva programática e permanentemente lubrificada por um sistema de seguimento e avaliação do nosso desempenho. Não devemos rezear ser avaliados, muito pelo contrário. O processo de descentralização em curso deve acima de tudo permitir ao Banco sentir o pulsar de cada país e estar envolvido em toda a cadeia de valor das soluções, para melhor servir os seus clientes. Mas é claro que a descentralização encerra os seus desafios. Temos que continuar a reavaliar e consolidar de modo que não púnhamos em risco os ganhos recentes enquanto aperfeiçoamos.

Gostaria de concluir agradecendo aos Presidentes do BAD, o atual e os antigos, bem como os funcionários do Banco Africano de Desenvolvimento por terem transformado a visão, de há cinquenta anos, dos Países fundadores, em o que é hoje o Banco Africano de Desenvolvimento. É uma honra para mim estar a competir para liderar o nosso Banco.

Esta é uma candidatura de Cabo Verde. Sou grata pela confiança que a nação deposita em mim e gostaria de agradecer a todos os cabo-verdianos, incluindo a sociedade civil, a classe política e empresarial e os meios de comunicação social.

Imensamente agradecida e espero poder contar com o vosso apoio.

Cristina Duarte

Praia, aos 6 de Outubro de 2014.